Snake News: uma breve análise da cobertura da mídia digital sobre serpentes no Brasil

Vinícius de Avelar São Pedro

Laboratório de Estudos Zoológicos do Alto Paranapanema, Universidade Federal de São Carlos – campus Lagoa do Sino, Rodovia Lauri Simões de Barros Km12, 18290-000, Buri, SP, Brasil.
Email: *vasaopedro@gmail.com*

Introdução

As serpentes certamente estão entre os animais mais fascinantes da Terra. Poucos grupos animais são capazes de chamar a atenção e despertar o interesse das pessoas como as cobras. Aliás, é nesse fascínio que se baseia todo o *marketing* da popular figura do "homem-da-cobra". No intuito de vender os mais variados itens, esses ambulantes reuniam verdadeiras multidões nas praças do interior do Brasil sob a promessa – muitas vezes não cumprida – de exibir serpentes supostamente presas em um saco ou uma caixa. Enquanto esses folclóricos mascates correm hoje sério risco de extinção, o fascínio em torno das serpentes continua e parece ainda ser explorado nos dias de hoje, porém, por meios mais modernos.

Notícias sobre serpentes são frequentes na televisão e, principalmente, nos portais de notícias da internet. Não raramente ao ler essas notícias nos deparamos com conteúdos sensacionalistas e com todo tipo de informações equivocadas, constituindo muitas vezes em desserviço às ciências naturais, em especial à herpetologia. Mas o que tanto os noticiários nos dizem sobre as serpentes? Com que frequência eles apresentam informações errôneas? Que tipo de erros exatamente eles contêm?

Com o intuito de começar a responder essas e outras questões e trazer o tema à reflexão da comunidade herpetológica, apresento aqui uma breve análise das notícias sobre serpentes veiculadas nos últimos anos em um dos principais portais de notícias do Brasil. Através de uma busca utilizando o termo "serpentes" no site do G1 (g1.com/noticias), consegui reunir um total de 262 notícias não repetidas sobre o tema, publicadas entre janeiro de 2015 e abril de 2020. Li e analisei cada uma delas anotando aspectos como o assunto a que se referem, se mencionam alguma espécie e qual(is) e se apresentam algum tipo de informação errada ou imprecisa. Esses dados foram organizados em uma planilha para facilitar as análises quantitativas. Utilizarei alguns desses dados que considero mais relevantes como forma de conduzir minhas discussões sobre o tema.

Principais assuntos abordados

Em relação ao assunto abordado nas notícias, a grande maioria delas (68%) visa reportar o encontro fortuito de serpentes em residências e outras áreas urbanas (Fig. 1A). Não é difícil explicar o grande número de notícias como essas. O aparecimento de uma serpente dificilmente é encarado com indiferença pelas pessoas. Ao contrário, este tipo de evento, associado ao processo de captura do animal, facilmente transforma-se em um espetáculo, atraindo a atenção de quem estiver por perto, como já comentado no caso do "homem-da-cobra". O que vemos nas notícias é apenas o oportunismo dos meios de comunicação para atrair a atenção dos leitores (consumidores). Isso fica claro na superficialidade que caracteriza a maioria das notícias dessa natureza, além do tom sensacionalista presente em muitas delas, o qual discutirei melhor mais adiante. Ou seja, o homem-da-cobra ainda está por aí. Só não pretende mais vender pomadas milagrosas ou garrafadas, mas sim atrair alguns cliques.

Alguns temas me chamaram a atenção pela frequência relativamente baixa nas notícias. O primeiro diz respeito aos acidentes ofídicos. Apenas 9% das notícias tratam deste tema (Fig. 1A), sendo que dois terços destas reportam acidentes específicos e o restante aborda estatísticas de acidentes com animais peçonhentos em determinadas épocas e regiões do país. É surpreendente que mesmo com uma média de 29 mil casos de acidentes ofídicos por ano no Brasil (Bernarde, 2014), justamente esse lado negativo das serpentes seja tão pouco explorado pela mídia.

Outros temas dignos de menção pela baixa frequência com que aparecem entre as notícias são os que dizem respeito à divulgação de atividades educativas e de pesquisas científicas. Apenas 3% do total das notícias visam divulgar atividades educativas (palestras, exposições e livros sobre serpentes) e 7% reportam pesquisas (estudos, achados ou publicações) sobre esses animais (Fig. 1A). Nesta última categoria estão variados tipos de pesquisas como aquelas sobre o potencial farmacêutico de venenos, registros de espécies raras ou flagrantes de comportamentos fortuitos (combates, corte, predação, etc.), além da descoberta de novas espécies. Não preciso me esforçar aqui para mostrar o quanto o número de notícias dessa natureza está aquém do universo de pesquisas realizadas no Brasil sobre esses e outros temas de potencial interesse para o público em geral. Só para dar um exemplo, no período que abrange as publicações analisadas aqui foram descritas no Brasil 23 espécies de serpentes (Nogueira et al., 2019; H. C. Costa, com. pess.), sendo que somente uma delas virou notícia no G1.

Partindo do pressuposto de que notícias reportando acidentes ou estudos científicos com serpentes "vendem" bem, só me resta crer que estes temas só não são mais noticiados porque não chegam ao conhecimento dos jornalistas. É claro que quando algo é do real interesse de um jornalista,

ele corre atrás e descobre por si mesmo. Mas, ao menos no caso dos estudos científicos e atividades educativas, quando o interesse em divulgá-los pode ser mais nosso do que da mídia, acredito que seja válido tomarmos a iniciativa para que os holofotes sejam direcionados às nossas serpentes. E até aqui parece que nós, os verdadeiros homens e mulheres-da-cobra, temos nos esforçado pouco para chamar a atenção do grande público.

Por fim, outro tema importante e pouco noticiado é o que diz respeito ao comércio ilegal de animais. No período investigado foram encontradas apenas 11 notícias (4%; Fig. 1A) relatando a apreensão de serpentes comercializadas e/ou mantidas ilegalmente, abordando tanto espécies nativas brasileiras quanto exóticas. Mais preocupante do que a raridade talvez seja a superficialidade com que esse tema é abordado nas notícias. Praticamente todas as matérias carecem de informações sobre a legislação brasileira a respeito da posse de animais silvestres, da possibilidade de obtenção de serpentes de criatórios autorizados ou sobre os muitos impactos socioambientais do tráfico ilegal de animais.

Jiboias (*Boa constrictor*), jararacas (*Bothrops* spp.) e cascavéis (*Crotalus durissus*) são, nesta ordem, as serpentes mais frequentes nas notícias (Fig. 1C). Estes dados não surpreendem, considerando que a maior parte das notícias relatam o encontro com serpentes e que estas espécies estão entre as mais comumente encontradas. Somado a isso, seja pelo tamanho, no caso das jiboias, ou pelo perigo que representam, no caso das jararacas e cascavéis, faz sentido esperar um maior alarde em torno do aparecimento dessas espécies.

O caso da naja no Distrito Federal

No momento em que eu concluía a redação deste manuscrito, a notícia sobre um estudante de Medicina Veterinária picado por uma naja no Distrito Federal ganhou as manchetes dos principais jornais e portais de notícias do Brasil, desdobrando-se em diferentes matérias ao longo das semanas que se seguiram após o acidente. Embora esse episódio tenha ocorrido fora do período que investiguei, achei importante fazer uma breve análise sobre a cobertura deste caso emblemático, sobretudo por conta de sua grande repercussão.

Desde o dia do acidente, 7 de julho de 2020, até o dia 22 de outubro, o G1 publicou ao menos 42 reportagens sobre o assunto. A maior parte destas abordam a cobertura do tratamento médico do estudante, o andamento das investigações policiais e os desdobramentos jurídicos do caso. Mas, uma vez mais, surpreende a superficialidade das matérias, que em sua maioria se limitam a relatar os fatos, sem se aprofundar no assunto. Os conteúdos que podem ser considerados de fato instrutivos para a sociedade, como aqueles pertinentes aos possíveis impactos socioambientais do tráfico de animais silvestres, aparecem raramente e quase sempre apenas nas citações de falas de pesquisadores e policiais. As consequências legais da posse indevi-

da de animais silvestres são mencionadas em poucas matérias e apenas brevemente, enquanto é frequente a menção ao fato de que esses animais podem valer uma fortuna no mercado negro.

A despeito da qualidade da cobertura jornalística sobre o caso, podemos destacar também um efeito positivo da notícia, que foi o aumento do número de notícias sobre apreensões e entregas voluntárias de serpentes criadas ilegalmente. Nos quatro meses desde o incidente com a naja, ao menos 20 matérias sobre o assunto foram publicadas no G1, o que corresponde a praticamente o dobro de matérias encontradas sobre isso nos mais de seis anos do período principal que avaliei. Isso mostra uma comoção, ao menos temporária, da sociedade em relação ao comércio ilegal de animais, com maior empenho das autoridades em investigar o assunto e maior receio das pessoas em infringir a lei.

Enfim, esse caso em específico deixa evidente como as notícias envolvendo serpentes podem ter enorme repercussão e, principalmente, que elas podem ser excelentes oportunidades para sensibilizar a sociedade acerca de importantes temas relacionados aos ofídios.

Principais erros

Pouco mais de um quarto das notícias (27%) apresentaram algum tipo de informação errada ou imprecisa (exemplos na Tabela 1). Em 21 notícias as espécies mencionadas foram identificadas erroneamente, o que equivale a 12% das notícias em que foi possível checar a identificação dos animais através de fotos e/ou vídeos disponibilizados nas matérias. Entre os erros de identificação mais frequentes está o clássico caso de chamar de "jararaca" ou "jararacuçu" as mais diversas espécies (e.g., *Xenodon* spp., *Corallus hortulanus*, *Erythrolamprus* spp., etc). Outros erros de identificação curiosos incluem uma salamanta (*Epicrates crassus*) identificada como sendo um filhote de sucuri (*Eunectes murinus*) e uma falsa-coral (*Oxyrhopus* sp.) identificada por policiais militares como sendo uma *Lampropeltis triangulum*! Há também erros conceituais recorrentes, como o uso indistinto dos termos "peçonhento" e "venenoso". Também o termo "espécie" é frequentemente utilizado de maneira incorreta, muitas vezes usado para se referir a um grupo taxonômico mais amplo, como família (e.g. "a espécie Boidae...") ou às serpentes de modo geral.

É importante mencionar aqui que não considerei como "erro" o mero tom alarmista ou sensacionalista presente em muitas notícias. Isso porque achei complicado classificar objetivamente ou quantificar este tipo de discurso, que muitas vezes está presente de forma sutil. Mas arrisco dizer que este é um problema presente em, pelo menos, metade das notícias. Sabemos que o sensacionalismo é um recurso usual nos meios de comunicação, mas devemos considerar que há, nesse caso, uma chance real do autor do texto estar simplesmente

expressando o próprio medo ao relatar a situação. De qualquer modo, isso implica que uma boa parte das notícias pode estar contribuindo para propagar o medo infundado de serpentes e não combatê-lo. Na prática, o alarmismo e o sensacionalismo podem ser considerados mais graves que muitos erros técnicos. Afinal, de nada adianta a notícia trazer a identificação precisa de uma espécie e deixar claro que ela não é peçonhenta se no mesmo texto há frases como "o animal estava prestes a atacá-lo" ou "havia crianças na residência no momento em que a serpente foi encontrada". Em casos como estes, a mensagem que fica para o leitor leigo é a de que o animal de fato constituía uma ameaça aos seres humanos.

Mas o que podemos fazer a respeito?

Primeiramente, precisamos dar as caras. A pouca quantidade de notícias sobre pesquisas com serpentes me parece a questão mais simples de se resolver a curto prazo e a que diz respeito a nós herpetólogos mais diretamente. A divulgação científica está vivendo sua era de ouro e muitos de nós têm utilizado as mídias sociais para divulgar pesquisas próprias e de terceiros, o que é excelente. Mas devemos nos lembrar que conteúdos de canais e perfis específicos têm um alcance muitas vezes limitado a um público que possui interesse prévio por determinado tema. Por outro lado, a divulgação através de notícias veiculadas em telejornais, programas de rádio e portais da internet tem um potencial maior de atingir pessoas que não buscariam voluntariamente por aquele tipo de informação. Por isso, encorajo os colegas a tomarem mais a iniciativa para que suas pesquisas sejam noticiadas para o grande público. Lembro que, graças ao já comentado fascínio que as serpentes despertam, uma vez que os veículos de imprensa tomem conhecimento de uma dada pesquisa, são grandes as chances de que se interessem em divulgá-la (e o processo de publicação será certamente menos doloroso que aquele das revistas científicas especializadas!).

Uma outra estratégia seria conquistarmos mais espaço dentro dos próprios veículos de comunicação, por exemplo, ampliando nossa participação como consultores nesses canais. Destaco que menos de um quarto (23%; Fig. 1B) das notícias que analisei tem a participação de herpetólogos, seja na identificação de espécimes, fornecendo outras informações técnicas ou, no caso das matérias sobre pesquisas, como personagens principais. Porém, lembro que a participação de um herpetólogo por si só não garante a qualidade das informações presentes na notícia. Por isso é importante que o especialista que contribuiu com a matéria solicite fazer a revisão da mesma antes de sua publicação. Quando isso não for possível, é importante ao menos conferir o texto logo após ser publicado e, no caso de se constatar erros, exigir do jornalista responsável a imediata correção. Em algumas matérias que avaliei há notas de correção adicionadas após a publicação, o que leva a crer que esse tipo de advertência não será em vão.

Outra maneira de conquistar mais espaço na mídia é através da publicação de textos de nossa própria autoria. Vários jornais e portais de notícias são abertos à publicação de textos de especialistas e talvez estejamos perdendo aí uma boa oportunidade de expressarmos opiniões, fazermos denúncias ou mesmo divulgarmos nossos trabalhos. Em último caso, as seções do tipo "cartas ao leitor" podem ser espaços úteis para manifestarmos nossas opiniões ou mesmo corrigir equívocos detectados nas matérias principais.

Quanto a assegurar a qualidade das notícias sobre serpentes, a princípio pode parecer algo que está além da nossa competência. Mas, se concordarmos que notícias sensacionalistas ou que contenham informações erradas são, de algum modo, nocivas, defendo que não apenas podemos, como devemos fazer algo a respeito. Começo citando iniciativas que já estão sendo feitas e que devem ser mantidas, quando não ampliadas, a exemplo dos cursos de biologia, manejo e identificação de serpentes ministrados para agentes de segurança pública. Quase metade das notícias avaliadas (46%; Fig. 1B) mencionam policiais, bombeiros ou guardas municipais envolvidos nas ocorrências de captura de animais ou em matérias sobre acidentes ofídicos. Por estarem na linha de frente dessas ocorrências, são eles os porta-vozes do conhecimento científico em grande parte das notícias. No entanto, não raramente são eles também os responsáveis pelas informações erradas ou imprecisas comentadas anteriormente. Por isso a importância de nos disponibilizarmos enquanto especialistas para a capacitação desses agentes, que são os verdadeiros multiplicadores do conhecimento. Essa é uma maneira efetiva, embora indireta, de contribuirmos com a qualidade das informações sobre serpentes que chegam ao grande público.

Mas acho que é possível fazermos ainda mais e de maneira mais direta. Uma possível estratégia educativa, por exemplo, seria elaborarmos uma espécie de "cartilha de boas práticas" a ser distribuída a jornalistas e às redações dos principais portais de notícias, abordando questões a serem consideradas ao falar sobre serpentes, como alguns conceitos importantes, expressões que devem ser evitadas e uma lista de referência e profissionais que podem ser contatados em caso de dúvidas. Outra possível iniciativa é a criação de um site ou perfil em redes sociais para divulgar as notícias sobre serpentes. O mesmo site poderia identificar e alertar sobre aquelas com conteúdo equivocado, a exemplo dos sites de denúncia de *fake news*. Mais do que simples denúncia, seria uma maneira de usar as informações erradas como oportunidade de educação ambiental. Entretanto, tendo a acreditar que essas iniciativas terão mais sucesso se partirem não de ações individuais, mas sim de iniciativas coletivas, especialmente com a chancela de instituições como ONGs, institutos, sociedades, grupos de especialistas, etc.

Considerações finais

Talvez as principais perguntas que devemos nos fazer sejam diferentes das que tentei abordar até aqui. Por exemplo, em que medida a má qualidade das notícias sobre serpentes pode implicar em um desserviço à sociedade? Qual o impacto dessas notícias na percepção e, principalmente, na atitude das pessoas em relação às serpentes? Infelizmente, não vamos encontrar respostas para essas questões em uma análise preliminar como a que apresento. Para isso precisamos de estudos aprofundados, de pesquisas especificamente concebidas para respondê-las.

É verdade que historicamente não temos dado muita importância para a quantidade ou mesmo o teor das notícias sobre serpentes, que, honestamente, às vezes até nos divertem com seus absurdos. Mas certas características dos meios de comunicação atuais me fazem considerar que estamos subestimando o impacto negativo que notícias de má qualidade têm sobre nossas serpentes. A enorme quantidade de notícias, a facilidade com que estas chegam até as pessoas e o imediatismo de muitos jornalistas e leitores podem estar prejudicando severamente nossos esforços de educação ambiental e ainda nem nos demos conta disso.

Agradecimentos

A Henrique C. Costa e Eliana F. Oliveira pelas sugestões em versões preliminares do manuscrito. A Júlio C. Moura Leite, Luciana B. Nascimento e Teresa Ávila Pires pela revisão e valiosos comentários.

Referências

Bernarde P.S. 2014. Serpentes peçonhentas e acidentes ofídicos no Brasil. Anolis Books Editora, São Paulo.

Nogueira C.C.,Argôlo A.J., Arzamendia V., Azevedo J.A., Barbo F.E., Bérnils R.S., ... Martins M. 2019. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. *South American Journal of Herpetology* 14(sp1):1–274.

Editores: Julio C. Moura Leite, Luciana B. Nascimento e Teresa C. S. Ávila-Pires

Tabela 1:

Exemplos de frases com conteúdo errôneo ou sensacionalista encontradas nas notícias sobre serpentes publicadas no site G1.

Informações errôneas	Link para a página com a notícia
No início da semana, uma cobra e uma serpente foram resgatadas pela equipe...	*https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/ noticia/2020/05/02/animais-silvestres- sao-vistos-em-areas-urbanas-no-norte-de-sc-durante-a-quarentena.ghtml*
Além disso, a espécie possui um sistema de espionagem chamado de fosseta loreal...	*https://g1.globo.com/rr/roraima/natureza/ amazonia/noticia/2020/01/03/estudo-aponta- que-em-roraima-cascaveis-tem-habitos-noturnos-e-dois-venenos-atributos-unicos.ghtml*
Ainda segundo os bombeiros, em caso de picada dessa espécie, é necessário um socorro muito rápido, entre 20 e 30 minutos, para evitar a morte.	*https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2019/09/28/bombeiros-capturam-cobra-jararaca-durante-combate-a-incendio-em-divinopolis.ghtml*
"Ela tem a cabeça triangular e a ponta do rabo que se afunila rapidamente. Vimos algumas fotos e acho que se tratava mesmo de uma jararaca", arriscou o médico.	*http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/11/crianca-de-1-ano-mata-cobra-com-mordida-e-escapa-ilesa-no-rs.html*
Em nota, a Sesa informou que o estoque de soros antibotrópico e antiofídico, usados em casos de picada de cobras venenosas, está regular.	*https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/06/25/apos-ser-picado-por-cobra-idoso-morre-em-hospital-de-sobral.ghtml*

Frases sensacionalistas

A família chegou em casa à noite e se deparou com essa serpente [Bothrops sp.], que é altamente letal, na cozinha da residência.	https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2019/02/20/familia-encontra-cobra-com-veneno-mortal-na-cozinha-de-casa-e-bombeiros-fazem-resgate-no-acre.ghtml
...ela [jiboia] envolve pequenos mamíferos, inclusive pequenos filhotes de cães, aves e roedores, para sufocá-los e depois comê-los.	https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/jiboia-de-15-metro-aparece-em-chacara-e-da-canseira-em-pm-no-df-video.ghtml
A residência [onde foi encontrada uma serpente] fica a poucos metros de uma escola infantil...	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2020/noticia/2020/02/28/jararaca-e-flagrada-devorando-rato-antes-de-ser-capturada-em-sc-fotos.ghtml
Mas como a jiboia de Águas Claras está há dez dias sem comer, os moradores do prédio dizem estar com medo.	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/10/11/cobra-que-aparece-e-some-assusta-moradores-de-predio-em-aguas-claras-no-df.ghtml
"Porém, aconteceu que ela [sucuri] acabou me picando. Mas está tudo bem. Fui socorrida, fui ao hospital, tomei soro, fiz eletro, vários tipos de exame de sangue. Graças a Deus, está tudo bem."	https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/12/23/mulher-captura-sucuri-com-2-m-durante-passeio-com-a-familia-em-parque-de-barretos-veja-video.ghtml

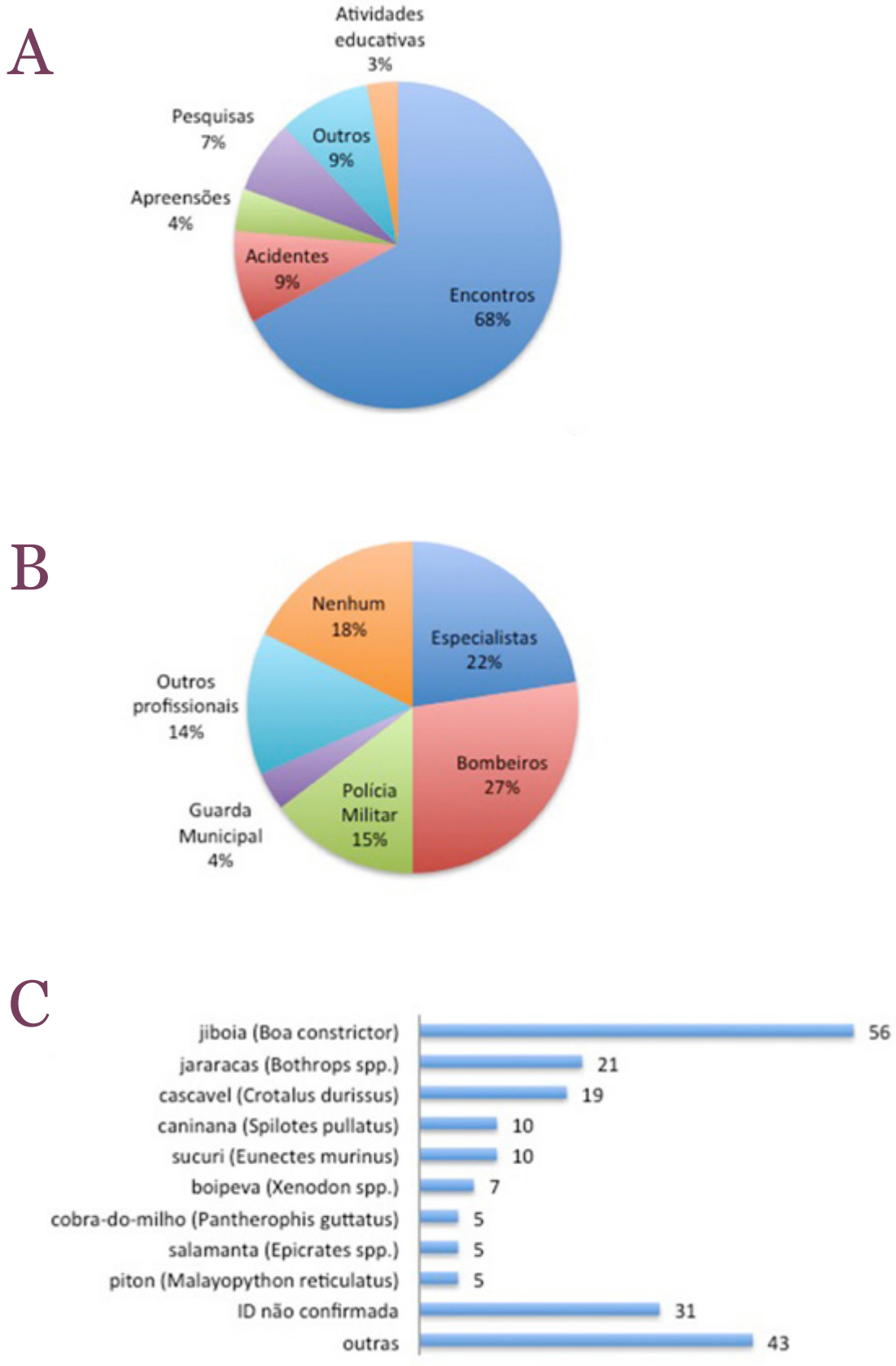

Figura 1. Dados quantitativos das notícias sobre serpentes publicadas no portal G1 no período de janeiro de 2015 a abril de 2020, de acordo com (A) principais assuntos abordados, (B) tipos de profissionais mencionados e (C) espécies de serpentes mencionadas.